



## Relacionamentos Abusivos: Uma análise comportamental do filme “Namorados para sempre”

**Bárbara Ferreira Borghi**

Instituto Brasiliense de Análise do Comportamento

**Ana Karina C. R. de-Farias**

CaMtos – Centro de Atenção Multiprofissional

EncaMtos – Ensino de Análise do Comportamento

### Resumo

O presente trabalho propõe estudar relações interpessoais na visão científica da Análise do Comportamento, fazendo um recorte em relacionamentos abusivos, a partir da análise do filme “Namorados para Sempre”, de título original *Blue Valentine* (lançado em 2010). Para isso, conceitos importantes, como análise molecular, análise molar, operações motivadoras e relacionamentos abusivos serão explorados, para, em seguida, serem exemplificados com trechos do longa metragem em questão. O trabalho pretende explorar contingências mostradas no filme, relacioná-las com a teoria, do ponto de vista clínico. Conclui-se que recursos audiovisuais permitem o treino de análises funcionais, tão relevantes na prática clínica. Além disso, possibilitam olhar para questões culturais tais como as que estabelecem e mantêm relacionamentos abusivos, uma importante fonte de adoecimento psíquico, e propor possíveis intervenções.

**Palavras-chave:** Terapia Comportamental; análise funcional; análise de filme; relações amorosas; relacionamentos abusivos.

## Abusive Relationships: A Behavioral Analysis of the Movie "Boyfriends Forever"

### Abstract

The present work proposes to study interpersonal relations from the perspective of Behaviour Analysis, highlighting abusive ones through the analysis of the movie “Namorados para sempre”, which original title is “Blue Valentine” (released in 2010). Concepts such as molecular analysis, molar analysis, motivational operations and abusive relationships will be explored and exemplified with extracts from the movie. The project aims to explore the contingencies presented in the movie and relate them to the theory, from a clinical point of view. It is concluded that audiovisual resources allow the training of functional analyses, so relevant in clinical practice. In addition, to making it possible to look at cultural issues such as those that establish and maintain abusive relationships, an important source of psychic illness, such as abusive relationships, and propose possible interventions.

**Keywords:** Behavioral Therapy; Functional analysis; film analysis, love relationships; abusive relationships.

Telefone: (61) 98204 2222

E-mail: akdefarias@gmail.com

Endereço para correspondência: SGAS 910 bloco E sala 111. Ed. Mix Park Sul – CEP: 70.390-100 – Brasília-DF

Os seres humanos têm como característica a capacidade de se relacionarem uns com os outros, e são nessas interações que se encontram grandes fontes de reforçadores para cada um. É no contato com o outro que também surgem muitas estimulações aversivas, que podem ser alvos de intervenções em um consultório de Psicologia. Pensando nisso, o presente trabalho propõe estudar as relações interpessoais a partir da visão científica da Análise do Comportamento, dando ênfase a conceitos importantes, como análises funcionais, análise molar e molecular, entre outros, para compreender o comportamento humano e suas interações. Será analisado o filme “Namorados para Sempre”, de título original *Blue Valentine* (lançado em 2010), será utilizado para descrever a relação entre personagens, a fim de retratar os conceitos discutidos no corpo do presente trabalho e levando tais observações para o contexto clínico. Será feito um recorte a respeito de relacionamentos abusivos, tema presente no longa metragem em questão. Para chegar a este ponto, conceitos básicos serão expostos, partindo-se do Behaviorismo Radical (filosofia que pauta este trabalho) e de sua ciência Análise do Comportamento. O trabalho não visa cessar todos estes assuntos, mas levantar discussões e mostrar a possibilidade de possíveis diálogos com recursos do entretenimento.

O Behaviorismo Radical, termo referente à filosofia da ciência Análise do Comportamento, se opõe às explicações mentalistas, bastante presentes em outras abordagens da Psicologia. Tais correntes afirmam que a ação humana é resultado de processos e/ou agentes internos, de natureza distinta daquilo que se deseja explicar. É comum justificar comportamentos com afirmações como “foi agressivo, porque sentiu raiva”, “saiu de casa, porque quis sair”, ou “beijou a menina, pois havia o desejo de beijar”. Tais explicações não esclarecem a pergunta “por que o homem se comporta de determinada maneira?” e levantam ainda outras questões como “onde está a vontade?”, ou “onde se aloja o sentimento que controla o homem?”, e, “se sentimentos se encontram na mente, o que é a mente, como analisá-la?”. O Behaviorismo Radical se apresenta como a filosofia que busca embasar uma explicação do comportamento, sem cair no dualismo mente-corpo (Baum, 1994/2006; Skinner, 1953/2003, 1957/1978; Zilio & Carrara, 2008).

Para cessar esta contradição, o Behaviorismo Radical propõe uma ciência baseada no comportamento humano em suas interações com o ambiente, de acordo com um modelo selecionista de causalidade. Isso quer dizer que toda ação de um organismo (variável

dependente) é função de estímulos externos a essa ação (variáveis independentes). Padrões comportamentais são selecionados e mantidos a partir de relações de contingência (dependência) entre o organismo e eventos ambientais antecedentes e/ou consequentes às respostas emitidas por ele (Baum, 1994/2006; Leão & Carvalho Neto, 2016; Marçal, 2010; Millenson, 1967/1975; Skinner, 1953/2003, 1957/1978; Todorov, 1989). Nesse sentido, falamos em multideterminação do comportamento. Inúmeros eventos interagem com o organismo ao mesmo tempo – questões biológicas, eventos ambientais atuais e eventos históricos (tanto do ponto de vista individual quanto cultural). Não há uma linearidade entre causa e efeito, mas sim relações funcionais construídas ao longo do tempo em que variáveis dependentes (respostas) são função de variáveis independentes (ambiente). Portanto, cada padrão comportamental de um indivíduo é fruto de uma construção única (Marçal, 2010; Skinner, 1953/2003, 1974/2006).

As respostas de um organismo podem ser classificadas basicamente em dois grupos: comportamentos respondentes (ou reflexos) e operantes. A classe dos respondentes refere-se a relações em que estímulos antecedentes (ambientais, externos à resposta em ação) eliciam/provocam uma resposta (mudança no organismo) relativamente imediata. Por exemplo, encontrar uma pessoa por quem está apaixonada (estímulo) pode eliciar aumento da frequência cardíaca (resposta) (Leonardi, & Nico, 2012; Skinner, 1953/2003).

Em contrapartida, um comportamento operante diz respeito a uma classe de respostas do organismo que tem sua probabilidade futura aumentada ou diminuída de acordo com as mudanças que provoca no ambiente (consequências). Diferente do comportamento respondente, em que o estímulo antecedente elicia/provoca uma resposta, nas respostas operantes são as consequências de cada ação que irão fortalecê-la (mantê-la) ou não. As consequências passadas explicam a emissão futura, a não emissão ou a diminuição da emissão da classe de respostas quando em situações (contextos, estímulos ambientais) semelhantes. Como exemplo, pode-se citar que, quando se encontra alguém por quem se está apaixonado, a pessoa se aproxima e conversa (respostas) e obtém atenção e carinho (consequências), há um provável aumento dessas respostas em situações semelhantes. Nesse processo, ocorre a aprendizagem de novos operantes, ampliando o repertório comportamental de cada indivíduo (Botomé, 2013; Skinner, 1953/2003; Todorov, 2002).

As consequências produzidas por uma ação podem ser tanto reforçadoras, como punitivas/aversivas. As primeiras, ao serem produzidas pela resposta, aumentarão a probabilidade de ocorrência futura daquela classe de respostas. Chamamos de reforçamento positivo quando a resposta tem como consequência a adição de um estímulo que aumenta a probabilidade futura da classe de respostas. Por exemplo, na presença de uma pessoa interessante (estímulo antecedente), a pessoa se arruma e conversa sobre vários assuntos (respostas) para produzir uma aproximação (consequência). O reforçamento negativo ocorre quando, na presença de um estímulo aversivo, o organismo emite uma resposta que irá diminuir, atenuar, atrasar ou eliminar este estímulo, aumentando a probabilidade de uma classe de respostas ocorrer novamente em uma mesma ocasião (processo denominado fuga). Por exemplo, na presença de um ex-namorado que tente atrapalhar a conversa com a nova pessoa (estímulo aversivo), o indivíduo pede licença e muda de lugar (resposta) retirando a presença do ex (consequência de eliminar o estímulo aversivo). Quando, em uma situação futura, o ex-namorado inconveniente aparecer, é provável que esta mesma pessoa “pressione o botão” de modo a produzir as mesmas consequências. Ao se tratar de reforçamento negativo, pode-se também falar em esquiva, que ocorre quando o estímulo aversivo ainda não está presente e a resposta adia o contato com o mesmo. Por exemplo, fica-se sabendo que este ex estará em um bar e, por isso, convida-se o “paquera” para outro local (Moreira, & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003).

Por sua vez, a consequência é descrita como punitiva quando diminui a probabilidade futura de uma classe de respostas ocorrer. Da mesma forma, há a punição positiva, em que um estímulo consequente é apresentado e diminui ou elimina a probabilidade de um comportamento, e a punição negativa, quando um estímulo é retirado, tendo o mesmo fim de enfraquecer um comportamento (Moreira, & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003).

Além desses processos, Skinner (1953/2003) também descreve a extinção, em que um comportamento que, no passado, produzia reforçadores, deixa de ser consequenciado por esses estímulos, diminuindo sua probabilidade da emissão com o passar do tempo. Este pode ser o exemplo do namoro anterior: o ex era engraçado e risonho no início, mas isso foi se perdendo ao longo do tempo e não surgiram novos reforçadores para a manutenção do namoro.

É importante lembrar que um mesmo comportamento pode produzir simultaneamente consequências tanto reforçadoras como punitivas, sendo determinado por múltiplas variáveis (Botomé, 2013; Marçal, 2010; Nery, & Fonseca, 2018; Skinner, 1953/2003; Todorov & Henriques, 2013).

O analista do comportamento utiliza o termo contingência para se referir a regras que especificam as relações de dependência entre eventos ambientais e comportamentos. Quando se fala em contingência de reforço (ou contingências de reforçamento e punição), é necessário especificar três termos (contingência tríplice) que interrelacionam: a descrição da ocasião em que a resposta ocorreu (contexto ou antecedentes), a resposta (ação do organismo) e a consequência (mudança ambiental externa à ação). Nesse sentido, deve-se ressaltar que o comportamento não tem significado quando separado do contexto e que uma mesma resposta (topograficamente) pode assumir funções diferentes, dependendo das variáveis ambientais a ela contingentes em determinado momento (Moreira, & Medeiros, 2007; Nery, & Fonseca, 2018; Skinner, 1953/2003; Todorov, 1989; Tsai, Kohlenberg, Kanter, Kohlenberg, Follette, & Callaghan, 2008/2011).

Para identificar as relações presentes entre o indivíduo e seu mundo, é necessário realizar análises funcionais. Essas consistem na observação e descrição de um comportamento, identificando o tipo de interação presente entre os três termos da contingência, tanto as atuais, como as que atuaram ao longo da história do indivíduo. Por especificar as operações que agem sobre o comportamento, a análise funcional é tida como instrumento básico de trabalho dos analistas do comportamento. Ou seja, a partir de observações ou relatos verbais, é possível levantar hipóteses sobre variáveis das quais o comportamento é função, e como determinado padrão comportamental foi adquirido e mantido ao longo do tempo (Delitti, 2001; Meyer, 2001; Nery, & Fonseca, 2018; Quinta, 2018).

Para uma análise completa, faz-se necessária a realização tanto de uma análise molecular dos dados, como de uma análise molar. Em um estudo no âmbito molecular, são apontadas respostas específicas, acompanhadas do contexto em que ocorreram e quais as consequências dessas, além de especificar os processos envolvidos (reforçamento positivo ou negativo, punição positiva ou negativa, ou extinção) e os possíveis efeitos (tanto emocionais, como de frequência de resposta) (Marçal, 2005; Nery, & Fonseca, 2018).

A análise molar investiga padrões comportamentais do indivíduo, associando a história de vida e o contexto atual. A proposta é explorar comportamentos topograficamente diferentes que provavelmente tenham a mesma função (classes funcionais ou classes equivalentes), levantando hipóteses de quais variáveis do passado contribuíram para a instalação e manutenção de tal repertório, e quais provavelmente estão exercendo influência no momento atual. Além disso, busca descrever o que a pessoa obtém como consequência reforçadora por seguir esses padrões e o que, ao mesmo tempo, perde ao se comportar de tal forma (Marçal, 2005; Nery, & Fonseca, 2018).

A probabilidade de ocorrência de determinado comportamento também pode ser influenciada por operações motivadoras (e.g., privação, saciação e estimulação aversiva), eventos que modulam, momentaneamente, as propriedades reforçadoras das consequências do comportamento. Assim, um estímulo não possui sempre a mesma propriedade reforçadora, oscilando de acordo com o contexto em que a consequência é apresentada. Por exemplo, uma pessoa que esteve em casa, ciceroneando pessoas durante uma semana, e tendo como efeitos cansaço físico e emocional, provavelmente, não verá como reforçador, naquele momento, a presença de um novo grupo de pessoas para ciceronear. Em contrapartida, um indivíduo que fica muito tempo em casa sozinho, sentindo saudade do tempo em que saía com os amigos, provavelmente verá grande valor reforçador na presença de um grupo de pessoas (Miguel, 2000; Millenson, 1967/1975; Verneque, Moreira, & Hanna, 2015).

As operações motivadoras provocam efeitos nos três termos de uma contingência tríplice ( $S^D : R \rightarrow S^R$ ). Pense no exemplo de um rato em situação de laboratório que é treinado para que, em uma caixa experimental que contém uma barra ( $S^D$ ), a pressão nesta barra (R) produza água ( $S^R$ ). Caso esteja em privação (i.e., sede), o valor reforçador da água é alto, a presença da barra sinaliza possível reforço (água) e a resposta de pressão se torna bastante provável. Tudo isso mudaria, caso estivesse saciado. A chance de emitir a resposta de pressionar a barra é momentaneamente alterada dependendo de suas necessidades biológicas. Nesse sentido, a operação motivadora afeta, momentaneamente, tanto o valor reforçador da consequência (água) quanto a probabilidade de emissão da resposta (pressão à barra) (Miguel, 2000; Millenson, 1967/1975; Verneque *et al.*, 2015).

Levando em conta que os indivíduos vivem em sociedade e que grande parte do ambiente se

refere à interação com o outro, tanto estímulos antecedentes como consequências são disponibilizados por outro(s) ser(es) humano(s) com quem a pessoa se relaciona. Desse modo, assim como água ou comida, em certas situações, são altamente reforçadores e não o são em outras, o afeto e o envolvimento social podem apresentar função reforçadora em determinados contextos e serem estímulos aversivos em outros (Baum, 1994/2006; Millenson, 1967/1975; Skinner, 1953/2003).

Como cada indivíduo está constantemente em interação com diversos estímulos ambientais, a necessidade de cada um oscila em função das operações motivadoras em vigor. O que no passado, dentro de uma interação social, foi reforçador pode não exercer a mesma função em um contexto atual ou diferente. Nesse sentido, muitas relações que inicialmente são bastante reforçadoras não permanecem dessa maneira com o passar do tempo, sendo necessário reinventar a relação constantemente, a fim de produzir novos reforçadores. Miguel (2000) afirma que “muitas vezes o problema não está na falta de consequências para o comportamento, mas na ineficácia de tais consequências” (p. 259). Tal ideia está diretamente ligada às operações motivadoras, ou seja, ao que está em falta ou em excesso no ambiente (físico, biológico e social) do outro. Estudar variáveis motivadoras é de suma importância dentro do contexto clínico, para compreender e intervir sobre os comportamentos-alvos de quem procura ajuda.

Para ilustrar o que foi fundamentado até aqui, será apresentada a análise do filme “Namorados para Sempre” (*Blue Valentine*, 2010), mostrando possíveis análises de contingências às quais as personagens estão expostas.

### Análise do Filme “Namorados para Sempre”

“Namorados para Sempre” é um filme do diretor Derek Cianfrance e retrata a história de Cindy (representada por Michelle Williams) e Dean (Ryan Gosling), casados há 5 anos e pais de Frankie (Faith Wladyka), de 5 anos. O longa-metragem, lançado nos Estados Unidos pela *The Western Company* em dezembro de 2010, mostra paralelamente duas fases do relacionamento do casal, oscilando entre o período de tempo em que se conheceram e se apaixonaram, e o momento atual, quando estão passando por conflitos.

Foram selecionadas para as análises cenas com informações mais completas, ou seja, nas quais era possível levantar dados do contexto, respostas e prováveis consequências que possibilitavam avaliações moleculares. Algumas cenas também traziam elementos da história de

vida das personagens, permitindo análises molares (Nery, & Fonseca, 2018). Desse modo, podiam ser observados os padrões comportamentais das personagens principais e sugeridas possíveis intervenções clínicas.

Antes de se conhecerem, Cindy cursava o ensino médio e almejava fazer faculdade de Medicina fora da cidade em que morava. Havia recém terminado um relacionamento que apresentava características de uma relação abusiva (assunto que será abordado adiante). Presenciava brigas entre seus pais, em que o pai agia de modo grosseiro com a mãe. Por exemplo, durante um jantar feito pela esposa, quando estão todos reunidos em família (Cindy, os pais e sua avó), o pai grita com a esposa, dizendo que o prato preparado não o agradou. Em seguida, levanta-se e sai da mesa, deixando os demais membros da família constrangidos. Cenas como essa sinalizam que Cindy estava exposta a um contexto aversivo (Botomé, 2013; Skinner, 1953/2003; Todorov, 2002), envolvendo contingências de punição positiva e negativa, e reforçamento negativo (quando o pai grita, nota-se que os demais diminuem a frequência dos comportamentos que estavam emitindo, por exemplo, param de conversar e param de jantar momentaneamente).

Por outro lado, ao conhecer Cindy, Dean havia parado os estudos antes de concluir o ensino médio e trabalhava em uma transportadora de mudanças. Não tinha se relacionado romanticamente até então. Passava a maior parte do tempo com os colegas de trabalho, o que provavelmente demonstra que não havia muitas interações sociais, a não ser com esses.

O encontro entre o casal analisado no Quadro 1 ocorre enquanto Dean realizava a mudança de um senhor para o asilo no qual Cindy estava visitando sua avó, que lá residia. Dean é quem dá o primeiro passo para conversar com Cindy e, neste contato, entrega seu cartão de visitas, solicitando que ligasse para ele. Dean se mostra ansioso pela ligação, perguntando às pessoas com quem trabalha se ela telefonou ao longo do dia, além de comentar com seus amigos que acredita ter encontrado uma mulher especial. Cindy não realiza a ligação neste primeiro momento.

Levando em conta o contexto de Dean, podemos afirmar que este não apresentava muitas relações sociais, pois aparentemente relacionava-se apenas com os colegas de trabalho, não tinha contato com a família e era recém-chegado a Nova Iorque. Então,

provavelmente havia privação de interações reforçadoras, o que aumentou a probabilidade de se interessar por uma mulher que acabou de conhecer, além de tornar qualquer atenção de Cindy uma consequência reforçadora. Como pontuado anteriormente, quando em privação de determinado estímulo, o valor reforçador deste aumenta, ou seja, se há baixo convívio social, qualquer comportamento que produza interação será reforçado (Miguel, 2000; Millenson, 1967/1975; Verneque, *et al.*, 2015).

Este não era o caso de Cindy e relacionar-se com Dean, no primeiro momento, não apresentou alto valor reforçador, podendo-se levantar algumas hipóteses para isso: a personagem havia recentemente saído de uma relação em que sofria agressões, ou seja, poderia estar receosa de se envolver com outro homem devido ao histórico de punição e aos efeitos colaterais das consequências aversivas. Segundo Mayer e Gongora (2011), a punição pode ter efeitos indiretos, tais como respostas emocionais, como ansiedade e *freezing* (congelamento), ou mesmo desencadear um desengajamento social.

Ainda falando sobre a probabilidade de Cindy se interessar por Dean no primeiro momento, outro ponto a se considerar é o fato de a personagem não estar em contexto de privação de relações sociais, uma vez que o filme retrata Cindy indo à escola (interação com colegas e professores), visitando e cuidando da avó, entre outros afazeres. Desse modo, levando-se em conta as pesquisas sobre operações motivadoras, pode-se avaliar que o valor reforçador de conhecer Dean naquele momento não fosse tão alto.

Além disso, a possibilidade de Cindy vir a ser sua namorada torna-se reforçadora para Dean, uma vez que suas interações com colegas de trabalho se modificariam. Estes, em sua maioria, eram casados e a possibilidade de Dean entrar em um relacionamento amplia a interação com os colegas, pois se trata de assunto em comum que poderia aproximá-los. Ou seja, tanto o fato de conhecer Cindy, como o falar sobre ela se tornou reforçador. Podemos montar a seguinte análise molecular (Marçal, 2005; Nery, & Fonseca, 2018) a respeito do comportamento de Dean.

Cindy, a princípio, não entra em contato com Dean; porém, por acaso, os personagens se encontram em um ônibus urbano, tendo sua primeira conversa delongada. Neste contexto, Cindy passava por situações que tornaram a aproximação de Dean reforçadora.



Operação Motivadora	Antecedente	Respostas	Consequências
Privação de relacionamentos amorosos - não ter namorado até então (possibilidade de relacionamento com Cindy torna-se reforçadora)	Encontra Cindy acidentalmente	Entrega seu cartão;  Fala sobre ela com os amigos;	Cindy sorri e conversa brevemente com Dean (R+);  Cindy não entra em contato posteriormente (EXT);  Amplia assuntos com amigos (R+)  Atenção dos amigos (R+)  Efeito: sente-se pertencente ao grupo.

Quadro 1. Possível análise molecular do comportamento de Dean. Legenda: EXT refere-se à extinção e R+ refere-se a reforço positivo.

Cindy havia terminado há pouco tempo o relacionamento amoroso, uma relação de baixa qualidade afetiva, podendo ser descrito como um namoro abusivo, em que o namorado a desrespeitava e aparentemente não havia muitos diálogos entre os dois. Além disso, a interação

com seus pais também envolvia conflitos. Pode-se supor que havia privação de atenção e afeto, principalmente ao se tratar de relação amorosa de qualidade e com diálogos, possibilitando a seguinte análise molecular (Marçal, 2005; Nery, & Fonseca, 2018) em relação à Cindy.

Operações motivadoras	Antecedentes	Respostas	Consequências
Privação de atenção;	Encontro com Dean no ônibus;	Conversa com Dean;	Dean demonstra interesse, continuando os assuntos (R+);
Privação de afeto	Dean demonstra interesse e se aproxima para conversar	Dança com ele na rua;  Revela acontecimentos íntimos	Dean a escuta (R+);  Dean sorri com Cindy (R+)

Quadro 2. Possível análise molecular do comportamento de Cindy. Legenda: R+ refere-se a reforço positivo.

Dean e Cindy começam a se relacionar, e neste momento a personagem descobre estar grávida de seu antigo namorado. Dean a apoia, assumindo a paternidade da criança. Pode-se levantar a hipótese de que, se Cindy estivesse em outro contexto, por exemplo, se relacionando com um namorado que considerasse bom e afetuoso, não teria conversado com Dean no ônibus; porém, a presença deste personagem naquele momento foi bastante reforçadora. Se a relação familiar de Cindy tivesse características de acolhimento, é provável que o fato de Dean assumir a paternidade da criança teria outro valor reforçador (possivelmente menor). Os dois se

casam quando Cindy estava grávida.

Enquanto é retratada a vida do casal no presente, vê-se que estão passando por conflitos no casamento. Neste momento, Dean está trabalhando como pintor, não tendo um horário fixo de trabalho. Com isso, pode desfrutar de períodos de ócio ao longo do dia. O mesmo demonstra dar atenção para a filha, tanto em momentos considerados adequados (em horários de lazer), como inadequados (por exemplo, quando a mãe está tentando arrumá-la para ir à escola, atrapalhando a tarefa de Cindy). Dean aparentemente consome grande quantidade de

bebida alcoólica.

Cindy, por outro lado, é enfermeira em um hospital em sua cidade natal. Abriu mão dos planos de ser médica e de se mudar, provavelmente pela responsabilidade de ter se casado e se tornado mãe ainda nova. Trabalha também nos afazeres domésticos, sendo responsável pela organização da casa e horários da filha.

Esse contexto é diferente de quando se conheceram. O que naquele momento foi reforçador, neste segundo provavelmente mudou de função (Verneque, *et al.*, 2015). Levando em conta as operações motivadoras em vigor para cada personagem, pode-se pontuar que Dean estava privado da atenção da esposa e de sexo, uma vez que ela tem o tempo preenchido com suas responsabilidades do trabalho e domésticas, e, aparentemente, se esquia do contato íntimo com o marido.

Ao mesmo tempo, o contexto de Cindy revela a figura de um marido que não reconhece seu esforço, não demonstra admiração pelas suas conquistas no trabalho, tanto em casa como no hospital, e em muitos momentos mostra-se grosseiro e crítico em relação a ela. Dean ignora as solicitações de participação e divisão de responsabilidades. Em momentos em que Cindy está fragilizada, por exemplo, quando descobrem que a cachorra da família foi atropelada, o marido a culpa pelo ocorrido. Ou seja, Dean não se mostra fonte de reforços como quando se conheceram, adquirindo, em alguns momentos, a função de estímulo aversivo (ver Skinner, 1953/2003) que Cindy tenta evitar.

Há uma cena em que os comportamentos sexuais têm funções diferentes para os dois personagens. Para Dean, trata-se de algo reforçador, uma vez que está privado do contato físico com a esposa. Para Cindy, a relação sexual refere-se a um comportamento de fuga e esquia, pois se envolve na relação com o marido com a função de que ele pare de pressioná-la.

Há também uma dificuldade de diálogo entre o casal. Na seguinte fala de Cindy, pode-se apontar que não se sente compreendida: “Raramente nos sentamos e conversamos como adultos, porque, toda vez que tentamos, você pega o que eu digo e transforma em algo que eu não quis dizer. Você muda o sentido. Começa a falar sem parar. Blá, blá, blá”. Um não consegue expressar para o outro os motivos de sua insatisfação, provavelmente por não saberem identificar o que sentem/desejam (autoconhecimento), e/ou por falta de repertório para expressar tais sentimentos de modo

assertivo (Caballo, 2003/2008). Tal ponto será melhor discutido adiante.

Além das análises moleculares apresentadas até então, outros aspectos relacionados ao histórico de contingências vivenciadas pelas personagens podem ser expostos. A seguir, serão apresentadas possíveis análises molares (Marçal, 2005; Nery, & Fonseca, 2018), a fim de compreender padrões comportamentais. Tais informações são fundamentais para uma intervenção clínica.

### *Análise Comportamental Clínica*

Ao longo dos anos, o que hoje caracteriza a atuação clínica a partir de conceitos comportamentais passou por inúmeras transformações. Considerações a respeito da interação organismo e ambiente foram aprimoradas e, com isso, mudanças no modo de atuar do psicólogo e aspectos relevantes dentro de um *setting* terapêutico ocorreram.

Autores como Spiegler e Guevremont (2010), de-Farias (2010), e Lucena-Santos, Pinto-Gouveia e Oliveira (2015) afirmam não haver uma definição geral que possa descrever exatamente o que seja a Terapia Comportamental em sentido mais amplo. Entretanto, descrevem temas e características centrais a serem considerados entre os que utilizam tal linha de trabalho, como: o compromisso com uma abordagem científica; a consideração do cliente como parte ativa do processo; foco no momento presente (mesmo dando importância a acontecimentos passados para realizar análises funcionais moleculares e molares, o que cada pessoa traz como problema são comportamentos mantidos pelas contingências atuais); foco na aprendizagem (a maioria dos problemas comportamentais é desenvolvida, mantida e modificada por meio da aprendizagem, na interação com o meio); individualizada (cada sujeito é único, o que obriga o clínico a avaliar as contingências a que cada um foi e está sendo exposto); e relativamente de menor duração (comparando a outras abordagens, a terapia comportamental aumenta a autonomia do cliente, almejando a independência da presença do terapeuta).

Ao longo dos anos, a Terapia Comportamental passou por diversas mudanças, refletindo em prioridades diferentes no que se refere às intervenções. A fim de organizar tais passagens, Hayes (2004) propôs um modelo teórico para caracterizar as principais alterações, dividindo conceitualmente em primeira, segunda e terceira ondas da Terapia Comportamental.

Atualmente, em oposição às terapias

anteriores, terapeutas da terceira geração baseiam-se no que foi exposto por Skinner (1974/2006) quando este afirma que o Behaviorismo Radical “não nega a possibilidade de auto-observação ou de autoconhecimento ou sua possível utilidade, mas questiona a natureza daquilo que é sentido ou observado e, portanto, conhecido” (pp. 18-19). Assim, pensamentos, sentimentos, consciência, entre outros eventos privados, podem e devem ser estudados semelhantemente aos comportamentos públicos, partindo do mesmo rigor científico. Os comportamentos privados são tão físicos quanto os comportamentos públicos. São controlados pela história de exposição às contingências ambientais e, portanto, não são as causas finais do comportamento público (Skinner, 1953/2003, 1974/2006, 1989/1991; Tourinho, 1999).

Dessa forma, há ênfase em estratégias de mudanças contextuais e experienciais, buscando criar repertórios mais amplos, flexíveis e efetivos, e não apenas eliminar comportamentos considerados problemáticos. Há preocupação em ensinar novas habilidades para o cliente, visando a uma interação mais rica com o meio, e, assim, diminuir o sofrimento, uma vez que, ao se relacionar com o ambiente de forma diferente, novas contingências serão vivenciadas. A função de comportamentos (as consequências que estes produzem) é mais importante que o comportamento isolado, sendo estes compreendidos somente dentro do contexto em que ocorrem (de-Farias, 2010; Hayes, 2004; Lucena-Santos *et al.*, 2015; Tsai *et al.*, 2008/2011).

Dessa forma, o terapeuta comportamental tem como objetivo levantar hipóteses, por meio de análises funcionais, de quais comportamentos são responsáveis pelo sofrimento do cliente e quais sinalizariam uma melhora. O profissional necessita descrever quais são os seus próprios comportamentos que, em um contexto de terapia, ajudariam ou prejudicariam o processo com cada cliente com o qual interage (de-Farias, 2010; Kohlenberg, & Tsai, 1991/2001; Marçal, 2010; Nery, & Fonseca, 2018; Tsai *et al.*, 2008/2011).

Em “Namorados para sempre”, nota-se a presença de sofrimento e uma possível demanda clínica ao analisar os comportamentos das personagens. Supondo que cada personagem buscasse um atendimento individual, as análises moleculares apresentadas anteriormente seriam

de extrema importância para compreendê-los, propor um diagnóstico e traçar intervenções. Mas, além disso, seria necessário, antes de iniciar as intervenções, obter informações a respeito da história de instalação de seus padrões comportamentais (Marçal, 2005; Nery, & Fonseca, 2018).

Ao longo do filme, nota-se que Cindy está em uma relação de baixa qualidade afetiva, sobrecarregada de afazeres e exercendo jornada tripla de trabalho. Entretanto, não expressa claramente estar cansada ou precisando da participação do marido, mas questiona a ambição de Dean. Esse questionamento tem, provavelmente, função de mando disfarçado de tato, ou seja, é uma afirmação com topografia de descrição de eventos (tato), mas que está sob controle de uma operação motivadora e, portanto, especifica uma consequência (mando), sem falar claramente o que deseja. Isso gera conflito entre o casal, uma vez que o marido escuta tais palavras como uma crítica, o que produz contracontrole (o marido também a critica) (Moreira, & Medeiros, 2007; Skinner, 1953/2003, 1957/1978).

Com os dados fornecidos no filme, é possível formular hipóteses envolvendo a análise molar de alguns comportamentos da personagem, podendo caracterizar um padrão comportamental de inassertividade (Caballo, 2003/2008). Como apontado por Nery e Fonseca (2018), há inúmeras possibilidades de rótulos ou nomes para identificar padrões comportamentais, desde que esteja especificado quais são os comportamentos presentes no padrão em questão. As descrições estão presentes no Quadro 3.

Entre os comportamentos que caracterizam este padrão comportamental, nota-se a dificuldade da personagem em expor seus sentimentos e relatar o que está pensando ou sentindo em diversos contextos, como na presença do marido, durante jantares com a família e em interações com colegas de trabalho. Como exemplo, há uma cena em que a personagem recebe uma ligação de colega de trabalho, solicitando que vá ao hospital no qual trabalha em horário alternativo, fora do previamente combinado. Mesmo estando em outra cidade, Cindy afirma que irá e se desdobra para atender ao pedido.



Comportamentos que caracterizam	História de aquisição	Contextos atuais mantenedores	Consequências que fortalecem o padrão	Consequências e efeitos aversivos
<p>Permanece calada ou pede desculpas quando marido grita com ela;</p> <p>Realiza a maioria dos afazeres domésticos (sinaliza cansaço, algumas vezes por meio de mandos disfarçados de tatos, mas marido não participa da divisão de tarefas);</p> <p>Faz as programações propostas pelo marido, por exemplo, ir ao motel com ele, mesmo afirmando não querer ir;</p> <p>Distancia-se de Dean quando este está sendo aversivo;</p> <p>Quando jovem, permanecia calada quando pai gritava durante o jantar;</p> <p>Esquivou do ex-namorado quando este a violentou, não o confrontando;</p> <p>Aceita solicitações de colegas de trabalho, mesmo quando exigem alto custo de resposta.</p>	<p>Mãe apresentava atitudes passivas em relação ao marido, abaixando a cabeça quando este gritava com ela durante o jantar em família (modelo);</p> <p>Mãe, na presença de gritos do marido, tentava agradá-lo (modelo); Pai agressivo;</p> <p>Namorado anterior a desrespeitava, porém também demonstrava carinho;</p> <p>Pouco diálogo com os membros da família;</p> <p>Avó relata que seu marido (avô de Cindy) também foi uma pessoa agressiva, que a tratava mal.</p>	<p>Marido agressivo (principalmente quando abusa do consumo de álcool); e, em outros momentos, demonstra afeto;</p> <p>Marido ignora suas solicitações de participação/divisão de responsabilidades;</p> <p>Marido critica-a, demonstra que não a compreende e contrapõe-se às ideias de Cindy;</p> <p>Marido exerce bem a função de pai, sendo carinhoso e atencioso com a criança;</p> <p>Ausência de familiares e amigos próximos, fazendo com que a relação com Dean tenha grande valor reforçador;</p> <p>Trabalho como enfermeira valoriza pessoas proativas e a subordinação em relação ao médico com quem trabalha.</p>	<p>Esquiva de conflitos com o marido (R-);</p> <p>Mantém a sua filha próxima ao pai (R+);</p> <p>Recebe pequenos gestos de afeto do marido (R+);</p> <p>Evita que a agressividade do marido se intensifique (R-);</p> <p>É valorizada no trabalho, por ser boa profissional e estar disponível (R+).</p>	<p>Suas vontades e necessidades são negadas em vários contextos (e.g., pelo marido quando solicita que participe dos trabalhos domésticos e ele a ignora; pelos colegas de trabalho que em seu momento de descanso, a escalam para trabalhar);</p> <p>Estabelece relações pouco reforçadoras e de baixa qualidade afetiva;</p> <p>Sobrecarga de atividades/responsabilidades: sente-se exausta;</p> <p>Manutenção de relações em que se sente invalidada e desvalorizada;</p> <p>Efeitos: Infeliz em relação ao casamento.</p>

Quadro 3. Possível análise molar do padrão comportamental passivo de Cindy. Legenda: R- refere-se a reforço negativo e R+ refere-se a reforço positivo.

Em psicoterapia, uma das alternativas seria trabalhar com Cindy o reconhecimento de suas necessidades em diversas situações, por meio de, por exemplo, questionamentos reflexivos (ver Medeiros, 2018). Além disso, poderiam ser construídos repertórios alternativos para se relacionar, por exemplo, realizando treinos de habilidades sociais para melhor responder em

situações como essa, sendo mais assertiva<sup>1</sup> nas interações, colocando seus pensamentos e sentimentos em questão quando em diálogo com o outro.

A dificuldade de Cindy em se expressar sugere também que ela não tenha em seu repertório comportamentos alternativos para

<sup>1</sup> Caballo (2003/2008) apresenta a discussão sobre habilidades sociais, fazendo distinção entre modos de se expressar. O autor aponta que comunicar-se assertivamente envolve comportamentos de expressão de forma manifesta, sem exercer coação sobre a outra pessoa. Tal modo de se expressar contrapõe-se ao comportamento descrito como agressivo (há uma resposta manifesta que causa coerção ao outro), ao não-assertivo (há expressão encoberta ou indireta, ou seja, não comunica claramente o que deseja, ao mesmo tempo em que não exerce coerção), e aos comportamentos de agressão passiva (há expressão encoberta/indireta que causa coerção ao ouvinte).

lidar com a agressividade do marido. Além disso, há também a possibilidade de afirmar que a relação conjugal de Cindy e Dean refere-se a um relacionamento abusivo.

Relacionamento abusivo é caracterizado como uma relação de poder em que um indivíduo da relação exerce o papel de abusador em relação ao outro, o abusado. Geralmente, inicia-se de modo sutil e, com o tempo, torna-se fonte de sofrimento para o outro. Os comportamentos violentos do abusador podem ser de natureza física, financeira, sexual e/ou psicológica. Há dificuldade em identificar relacionamentos abusivos, principalmente quando se está envolvido na relação, uma vez que há oscilação entre o comportamento agressivo e demonstrações de afeto. Muitas vezes, a pessoa que sofre a violência relata sentir sofrimento, insegurança, tristeza ou ansiedade, mas não identifica as contingências envolvidas (Barretto, 2015, 2018; Hirigoyen, 2006).

Segundo Forward e Torres (1986/1991), os relacionamentos abusivos obedecem a certos padrões de conquista em que, inicialmente, são apresentados estímulos com alto valor reforçador e presentes na maior parte do tempo (esquema de reforço contínuo ou de intervalo variável de curtos intervalos entre resposta e consequência reforçadora)<sup>2</sup>. De acordo com as autoras, com o passar dos dias (este período pode variar), comportamentos de violência começam a aparecer. Os intervalos entre liberação de reforçadores, por parte do abusador, ficam cada vez maiores, mesmo com a emissão de respostas (antes muito frequentemente reforçadas) por parte do indivíduo que sofre o abuso.

É comum haver explosões de raiva por parte do companheiro abusador em maior frequência. Porém, entre estas, há a liberação de reforçadores, sendo o abusador encantador e amável nestes momentos (i.e., apresentação de reforço entre eventos aversivos). Por não ficar todo o tempo em função de estímulos aversivos, entrando em contato também com muitos estímulos reforçadores (carinho, atenção, pedidos de desculpas, promessas de que irá

mudar, declarações de amor, presentes, etc.), muitas vítimas afirmam que os momentos de raiva não revelam o “verdadeiro eu” do companheiro (Forward, & Torres, 1991/1986).

Em relacionamentos abusivos, pode-se levantar a hipótese de que muitas das pessoas que sofrem o abuso estejam, inicialmente, privadas de afeto ou vivenciaram, ao longo de sua história, interações sociais com baixo valor reforçador. Assim, os comportamentos do parceiro que sinalizam interesse e carinho são extremamente reforçadores. Se esses comportamentos do abusador são reforçadores para o outro e são apresentados sob esquemas de reforçamento contínuo (esquema favorável para aquisição de novos comportamentos), é muito provável que o romance aconteça de forma rápida e intensa. Com o passar do tempo, como já dito, o abusador apresenta comportamentos tidos como agressivos, mas a pessoa conquistada revela que a fonte de reforço é ainda poderosa naquele momento. Os momentos prazerosos acompanhados de carinho e atenção tornam-se menos frequente, porém ainda estão presentes em esquema de reforçamento de intervalo variável, o que gera maior resistência à extinção, mantendo a pessoa que sofre a violência dentro do padrão comportamental. Forward e Torres (1991/1986) pontuam que, em relacionamentos abusivos, a vítima fica focada em como o outro a faz sentir e não nos comportamentos públicos deste, ignorando ou minimizando a violência.

No caso de Cindy, por ter relações afetivas empobrecidas e pouco reforçadoras, as pequenas demonstrações de carinho de Dean podem ter forte valor reforçador, levando à hipótese de que esta é uma das variáveis que a manteve casada até então. Pelo fato de o comportamento agressivo de Dean aparecer em frequência variada, dificultando a previsão e o controle por parte de Cindy, é provável que ela sinta ansiedade e medo na presença dele, precisando estar constantemente em alerta. Esse cenário favorece o padrão inassertivo de Cindy, uma vez que ao deixar de se expressar, possivelmente, evita maiores conflitos.

2 Esquemas de reforçamento e punição descrevem as condições em que determinada resposta deve ocorrer para que aconteça a liberação de reforçadores ou de estímulos aversivos/punitivos. Há esquemas de reforçamento contínuos, em que toda resposta é seguida de reforço, e esquemas de reforçamento intermitentes, em que nem toda resposta é consequenciada com estímulos reforçadores. Os principais esquemas de reforçamento intermitente são: razão fixa (a cada número de resposta é liberado o reforço) e variada (número de respostas para obter o reforço varia em torno de uma média), intervalo fixo (há um tempo determinado para liberação de reforço) e variado (o reforço é liberado em intervalos de tempo variados). Em ambiente social, a maior parte dos reforçadores acontece em esquemas variados, principalmente os que são liberados diretamente pelo outro, uma vez que os comportamentos de cada indivíduo estarão em função de contingências diferentes a todo tempo. Os esquemas de reforçamento contínuo são os melhores para estabelecer, modelar inicialmente um comportamento. Por sua vez, a intermitência entre reforços tende a manter mais fortemente os comportamentos do que os esquemas contínuos (Millenson, 1967/1975; Moreira, & Medeiros, 2007).

Forward e Torres (1991/1986) acrescentam que as vítimas de relacionamento abusivo geralmente, ao longo de sua história de vida, aprendem algumas regras que sustentam a relação, como “evitar confronto é o mesmo que amor”, “mulheres devem cuidar de seus maridos”, ou “o sucesso de um casamento é dever da mulher”. Cindy escuta de sua avó lições de vida semelhantes a essas, além de presenciar comportamentos de sua mãe que obedecem a essas afirmações, por exemplo, quando esta se cala ou tenta satisfazer o marido (neste caso, sua mãe pode funcionar como modelo para os comportamentos de Cindy).

Além disso, segundo Barretto (2015, 2018), Forward e Torres (1991/1986) e Hirigoyen (2006), vítimas de relacionamentos abusivos

passam por ameaças constantes (e.g., de morte, de perda de acesso aos filhos ou a dinheiro), o que dificulta ainda mais a saída da relação, pois o controle coercitivo está fortemente presente.

Tendo o filme como amparo para as análises sobre relacionamento abusivo, há limitações no estudo do comportamento do abusador, uma vez que os dados a respeito da história de vida e interações atuais de Dean são menos presentes, comparando-os às informações sobre Cindy. Porém, é possível encontrar elementos no repertório de Dean que sugerem a presença de padrões comportamentais de agressividade (descrito no Quadro 4), que se enquadram nas características de abusadores descritas na literatura sobre relacionamentos abusivos.

Comportamentos que caracterizam	História de aquisição	Contextos atuais mantenedores	Consequências que fortalecem o padrão	Consequências e efeitos aversivos
<p>Crítica e grita com Cindy;</p> <p>Invade trabalho de Cindy e agride os colegas de trabalho da esposa;</p> <p>Culpa Cindy por eventos incontroláveis, como a morte do cachorro;</p> <p>Ignora solicitações de Cindy (e.g., mesmo Cindy afirmando não querer ir com ele ao motel, Dean decide que o casal irá);</p> <p>Ignora pai de Cindy, sugerindo haver um conflito entre os dois.</p>	<p>Faltam dados para completar esta coluna</p>	<p>Esposa não costuma confrontar;</p> <p>Quando Dean está agressivo, esposa costuma atender a suas solicitações);</p> <p>Profissional autônomo (não precisa se subordinar a ninguém);</p> <p>Aparentemente, não recebe críticas de terceiros ao ser agressivo.</p>	<p>Cindy, na maioria das vezes, cede aos desejos de Dean (R+);</p> <p>Cindy pede desculpa pelo que Dean a está culpando (R+);</p> <p>Consegue burlar algumas regras para ter o que almeja, como entrar no trabalho de Cindy, mesmo quando não permitido (R+).</p>	<p>Desgaste e afastamento na relação do casal - acréscimo de reclamações, “caras feias”, críticas e conflitos (P+);</p> <p>Cindy se esquiva e foge de Dean (P-);</p> <p>Cindy evita a relação sexual com Dean (P-);</p> <p>Hipótese de que a ausência de amigos e afastamento de seu sogro poderiam controlar, parcialmente, seus comportamentos agressivos, porém faltam dados que sustentem tal afirmação.</p>

Quadro 4. Possível análise molar do padrão comportamental de agressividade de Dean. Legenda: R+ refere-se a reforço positivo; P+ refere-se a punição positiva; e P- refere-se a punição negativa.

Como dito anteriormente, no filme, muitos dados acerca das contingências históricas e atuais ficam ausentes, limitando uma análise completa. Caso esses personagens estivessem em um contexto clínico, outras perguntas seriam feitas para compreender de fato a função de cada comportamento e, assim, iniciar intervenções. A

respeito de Dean, poderia ser investigado, por exemplo, como foram as suas relações sociais na infância, principalmente para compreender a história de aquisição do comportamento de agressividade. Dados atuais sobre relações sociais para além do casamento, por exemplo, amizades de cada um, poderiam ser também

investigados, uma vez que o filme foca na relação conjugal, e certamente outras interações exercem influência nos comportamentos de cada indivíduo, inclusive, a relação terapêutica.

A despeito das limitações de informações, ao se descrever o que é apresentado no filme, comportamentos que parecem inadequados ou incompreensíveis à primeira vista, em relação ao que é culturalmente esperado, apresentam-se como funcionais no repertório de quem os emite. Em outras palavras, comportamentos como o de se manter em uma relação que parece tão coercitiva aos olhos dos outros são selecionados pelas contingências ambientais da mesma forma que outros comportamentos. Analisar as operações motivadoras, as regras e autorregras, os modelos, os esquemas de reforçamento e punição em vigor, as contingências alternativas, o treino de resolução de problemas, dentre outros fatores, é de extrema relevância para entender quaisquer comportamentos (Lima, 2018). Além disso, o entendimento e a aceitação de que se encontra em uma relação abusiva requerem uma análise funcional e não topográfica dos comportamentos emitidos pelos envolvidos. Diminuir a frequência e a intensidade desse tipo de relações envolve a análise e a intervenção em amplas práticas culturais, tais como as responsáveis pelo machismo e pelo patriarcado (Guerin, & Ortolan, 2017).

## Discussão

A Análise do Comportamento mostra-se rica para atuação do profissional no contexto clínico, dispondo de instrumentos de análises que permitem ao terapeuta uma intervenção pautada em leis que descrevem as relações funcionais responsáveis pelos comportamentos, tanto públicos como privados. Portanto, para realizar uma intervenção comportamental fundamentada, faz-se necessário conhecimento de conceitos básicos desta ciência.

Assim como o profissional que possui o conhecimento das relações entre as variáveis de controle está em vantagem no momento de atuação no contexto terapêutico, a pessoa que passa pelo processo da psicoterapia também desfruta de benefícios frente aos demais. Segundo Skinner (1974/2006), “o autoconhecimento tem um valor especial para o próprio indivíduo. Uma pessoa que ‘tornou consciente de si mesma’ por meio de perguntas que lhe foram feitas está em melhor posição de prever e controlar seu próprio comportamento” (p. 31). Ou seja, além das mudanças derivadas do acolhimento e interação não aversiva na relação

terapêutica, o autoconhecimento também proporciona maior bem-estar e qualidade de vida para o indivíduo, sendo estes os objetivos de um processo terapêutico.

A investigação das operações motivadoras se faz importante para compreender o que falta ou está em excesso em cada contexto, permitindo inferir o valor reforçador de alguns estímulos. Só é possível uma análise completa das contingências quando são incluídos tais elementos. No caso das personagens do filme, em um processo de terapia, tanto de casal como individual, analisar tais operações seria fundamental para compreender suas frustrações e demandas e, a partir disso, desenvolver habilidades para melhor se relacionarem.

Partindo dos dados apresentados nas análises moleculares e molares dos personagens de “Namorados para sempre”, nota-se a falta de assertividade entre o casal. A comunicação entre os dois pode ser descrita como não assertiva e agressiva, uma vez que, na maior parte do tempo, há presença de críticas e brigas, sem aceitação do sentimento do outro ou demonstrações de acolhimento. Há excesso de consequências aversivas e extinção quando um deles relata seus sentimentos ao outro. Além disso, nota-se a presença de expressão não manifesta e coercitiva. Por fim, podem-se apontar problemas de conexão entre o casal, ou seja, há um déficit em relação à intimidade e vulnerabilidade na relação. Estes conceitos serão abordados adiante, como parte essencial de um processo psicoterápico.

A psicoterapia pode ser descrita como uma agência controladora que tem como objetivo cuidar dos efeitos nocivos de práticas coercitivas existentes na cultura (Skinner, 1953/2003). Assim, a relação terapêutica precisa necessariamente ser uma relação de acolhimento e de audiência não punitiva. Trata-se de um contexto em que o cliente pode se expressar sem julgamentos, com o objetivo de que comportamentos que foram suprimidos por punição voltem a ocorrer durante as sessões – principalmente aqueles sujeitos a críticas ou rejeições, como, por exemplo, expressar sentimentos (Del Prette, 2015; Kohlenberg, & Tsai, 1991/2001; Skinner, 1953/2003; Tsai *et al.*, 2008/2011).

Como efeito da psicoterapia, tem-se o estabelecimento de vulnerabilidade e a promoção de intimidade, que envolve comportamentos de autorrevelação de pensamentos e sentimentos, visando como efeito a conexão entre terapeuta e cliente. Segundo a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP), esse é o ponto central da terapia,

uma vez que grande parte das queixas que aparecem no consultório está relacionada a interações interpessoais que geram sofrimento, sendo estas marcadas por déficit de intimidade (Cordeiro, & de-Farias, 2018; Gurman, Waltz, & Follette, 2010; Kohlenberg, & Tsai, 1991/2001; Silveira, & Guenzen, 2013; Tsai *et al.*, 2008/2011; Vandenberghe, & Pereira, 2005).

A intimidade diz respeito à relação na qual é permitido expressar abertamente o que pensa e o que deseja, mostrando-se ao outro quem é de fato, enfrentando a possibilidade de críticas ou desaprovação do ouvinte. Em uma relação íntima, há espaço para relatar tanto o sofrimento, relacionado a medos e angústias, como sentimentos positivos de amor, proximidade e alegria (Braga, & Vandenberghe, 2006; Tsai *et al.*, 2008/2011).

Wetterneck e Hart (2012) escreveram que intimidade é construída quando comportamentos que foram punidos no passado ou que culturalmente sinalizam punições são expostos e aceitos (reforçados) pelo outro em uma interação íntima. Ou seja, a intimidade envolve experiências com potencial aversivo, como vergonha, humilhação, desconforto ou rejeição.

Ao mesmo tempo, é reforçada quando se experienciam sentimentos de validação, acolhimento, compreensão e cuidado.

Com relação ao filme, nota-se que falta nos personagens habilidades para a construção ou manutenção de uma interação mais íntima, sendo essas questões alvo tanto em uma terapia de casal, como em terapias individuais (Gurman *et al.*, 2010; Kohlenberg, & Tsai, 1991/2001). O sucesso da terapia não seria necessariamente manter o casamento das personagens, mas a construção da compreensão dos valores e sentimentos experienciados por cada um, e de como isso afetava a relação (Vandenberghe, 2015).

A análise de filmes revela-se como ferramenta para treinar a construção de análises moleculares e molares, assim como para sugerir meios de intervenções para os personagens. Mesmo com limitações de dados apresentados ao longo do filme, a ciência do comportamento mostra-se capaz de conversar com tal mídia e estudar cada personagem e a interação desses com os contextos em que estão inseridos, como mostrado ao longo do trabalho (de-Farias, & Ribeiro, 2007/2014).

## Referências

- Barretto, R. S. (2015). *Psicóloga explica relacionamento abusivos: o que é e como sair dessa situação*. Retrieved from <http://reporterunesp.jor.br/2015/08/20/psicologa-explica-relacionamentos-abusivos-o-que-e-e-como-lidar-com-essa-situacao/>.
- Barretto, R. S. (2018). Relacionamentos abusivos: uma discussão dos entraves ao ponto final. *Gênero*, 18, 142-154. DOI: <https://doi.org/10.22409/rg.v18i2.1148>.
- Baum, W. M. (1994/2006). *Compreender o Behaviorismo: Comportamento, cultura e evolução* (M. T. A. Silva, M. A. Matos, & G. Y. Tomanari, Trads.). Porto Alegre: Artmed.
- Braga, G. L. B., & Vandenberghe, L. (2006). Abrangência e função da relação terapêutica na terapia comportamental. *Estudos de Psicologia*, 23, 307-314. ISSN 0103-166X.
- Botomé, S. (2013). O conceito de comportamento operante como problema. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 19-46. ISSN 1807-8338.
- Caballo, V. E. (2003/2008). *Manual de Avaliação e Treinamento das Habilidades Sociais*. São Paulo: Livraria Santos Editora.
- Cianfrance, D. (2011). *Namorados para sempre (Blue Valentine)* [Filme-mídia]. D. Cianfrance, dir. Estados Unidos: The Western Company. 114 min. color. son.
- Cordeiro, J. G., & de-Farias, A. K. C. R. (2018). A função terapêutica de relações de intimidade em Um Senhor Estagiário. In B. L. A. Cardoso, & J. B. Barletta (Orgs.), *Terapias Cognitivo-Comportamentais e cinema: Aspectos teóricos e contribuições para prática clínica* (pp. 131-165). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- de-Farias, A. K. C. R. (2010). Por que "Análise Comportamental Clínica"? In A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 19-29). Porto Alegre: Artmed.
- de-Farias, A. K. C. R., & Ribeiro, M. R. (2007/2014). Prefácio. In A. K. C. R. de-Farias, & M. R. Ribeiro (Orgs.), *Skinner vai ao cinema: Vol. 1* (pp. vi-viii). Brasília: Instituto Walden4.
- Delitti, M. (2001). Análise funcional: o comportamento do cliente como foco da análise funcional. In M. Delitti (Org.), *Sobre o comportamento e cognição: Vol. 2. A prática da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-Comportamental* (pp. 35-42). Santo André: ESETec.
- Del Prette, G. (2015). O que é Psicoterapia Analítico-Funcional e como ela é aplicada? In P. Lucena-Santos, J. Pinto-Gouveia, & M. S. Oliveira (Orgs.), *Terapias comportamentais de terceira geração: Guia para profissionais* (pp. 310-342). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Forward, S., & Torres, J. (1986/1991). *Homens que odeiam suas mulheres e mulheres que os amam* (A. Barcellos, Trads.). Rio de Janeiro: Rocco.
- Guerin, B., & Ortolan, M. de O. (2017). Analyzing domestic violence behaviors in their contexts: Violence as a continuation of social strategies by other means. *Behavior and Social Issues*, 26, 5-26. <https://doi.org/10.5210/bsi.v26i0.6804>
- Gurman, A. S., Waltz, T., & Follette, W. (2010). FAP – Enhanced Couple Therapy: Perspectives and possibilities. In J. Kanter, R. Kohlenberg, & M. Tsai (Orgs.), *The practice of Functional Analytic Psychotherapy* (pp. 125-147). New York: Springer.
- Hayes, S. (2004). Acceptance and commitment therapy, relational frame theory, and the third wave of behavioral and cognitive therapies. *Behavior Therapy*, 35, 639-665. ISSN 0005-7894.



- Hirigoyen, M. F. (2005/2006). *A violência no casal: da coação psicológica à agressão física* (M. H. Kühner, Trans.). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. ISBN: 9788528611656.
- Kohlenberg, R. J., & Tsai, M. (1991/2001). *Psicoterapia Analítica Funcional: Criando relações terapêuticas intensas e curativas* (F. Conte, M. Delitti, M. Z. S. Brandão, P. R. Oerdyk, R. R. Kerbauy, R. C. Wielenska, R. A. Banaco, R. Starling, Trans.). Santo André: ESETec. ISBN 85-88303-02-7.
- Leão, M. F. F. C., & Carvalho Neto, M. B. (2016) Afinal, o que é Seleção por Consequências? *Interação Psicologia*, 20(3), 286-294. ISSN 1981-8076.
- Leonardi, J. L. & Nico, Y. (2012). Comportamento respondente. In N. B. Borges & F. A. Cassas (Orgs.), *Clínica Analítico-comportamental: Aspectos teóricos e práticos* (pp. 18-23). Porto Alegre: Artmed.
- Lima, A. (2018). Relacionamento abusivo: comportamentos de uma prática cultural. Retrieved from <https://www.comportese.com/2018/05/relacionamento-abusivo-comportamentos-de-uma-pratica-cultural>
- Lucena-Santos, P., Pinto-Gouveia, J., & Oliveira, M. S. (2015). Primeira, segunda e terceira geração de Terapias Comportamentais. In P. Lucena-Santos, J. Pinto-Gouveia, & M. S. Oliveira (Orgs.), *Terapias comportamentais de terceira geração: Guia para profissionais* (pp. 29-58). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Marçal, J. V. S. (2005). Refazendo a história de vida: Quando as contingências passadas sinalizam a forma de intervenção da clínica atual. In H. J. Guilhardi, & N. C. Aguirre (Orgs.), *Sobre comportamento e cognição: Vol. 15. Expondo a variabilidade* (pp. 258-273). Santo André: ESETec.
- Marçal, J. V. de S. (2010). Behaviorismo Radical e prática clínica. In A. K. C. R. de-Farias (Org.), *Análise Comportamental Clínica: Aspectos teóricos e estudos de caso* (pp. 30-48). Porto Alegre: Artmed.
- Mayer, P. C. M., & Gongora, M. A. N. (2011). Duas formulações comportamentais de punição: definição, explicação e algumas implicações. *Acta Comportamental*, 19(4), 47-63.
- Medeiros, C. A. (2018). Psicoterapia comportamental pragmática aplicada a um caso de dores de cabeça psicossomáticas. In A. K. C. R. de-Farias, F. N. Fonseca, & L. B. Nery (Orgs.), *Teoria e formulação de casos em Análise Comportamental Clínica* (pp. 387-404). Porto Alegre: Artmed.
- Meyer, S. B. (2001). O conceito de análise funcional. In M. Delitti (Org.), *Sobre o comportamento e cognição: Vol. 2. A prática da Análise do Comportamento e da Terapia Cognitivo-Comportamental* (pp. 29-34). Santo André: ESETec.
- Miguel, C. F. (2000). O conceito de operação estabelecadora na Análise do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16(3), 259-267. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-37722000000300009>.
- Millenson, J. R. (1975). *Princípios de Análise do Comportamento* (11th ed., A. A. Souza, & D. Rezende, Trans.). Brasília: Coordenada. (Original work published 1967).
- Moreira, M. B., & Medeiros, C. A. de. (2007). *Princípios básicos da Análise do Comportamento*. Porto Alegre: Artmed.
- Nery, L. B., & Fonseca, F. N. (2018). Análises funcionais moleculares e molares: um passo a passo. In A. K. C. R. de-Farias, F. N. Fonseca, & L. B. Nery (Orgs.), *Teoria e formulação de casos em Análise Comportamental Clínica* (pp. 1-22). Porto Alegre: Artmed.
- Quinta, N. C. de C. (2018). Reflexões sobre o estabelecimento de objetivos terapêuticos na clínica analítico-comportamental. In A. K. C. R. de-Farias, F. N. Fonseca, & L. B. Nery (Orgs.), *Teoria e formulação de casos em Análise Comportamental Clínica* (pp. 49-63). Porto Alegre: Artmed.
- Silveira, J. M., & Guenzen, L. C. (2013). Intimidade na relação terapêutica: Uma caracterização da palavra por terapeutas analítico-comportamentais. *Psicologia Argumento*, 31(7), 547-559. ISSN: 1980-5942.
- Skinner, B. F. (1978). *O comportamento verbal* (11th ed., M. da P. Villalobos, Trans.). São Paulo: Cultrix. (Original work published 1957).
- Skinner, B. F. (1991). *Questões recentes na análise comportamental* (5th ed., A. L. Neri, Trans.). Campinas: Papyrus. (Original work published 1989).
- Skinner, B. F. (2003). *Ciência e Comportamento Humano* (11th ed., J. C. Todorov, & R. Azzi, Trans.). São Paulo: Martins Fontes. (Original work published 1953).
- Skinner, B. F. (2006). *Sobre o Behaviorismo* (10th ed., M. da P. Villalobos, Trans.). São Paulo: Cultrix. (Original work published 1974).
- Spiegler, M. D., & Guevremont, D. C. (2010). *Contemporary Behavior Therapy*. Belmont, CA: Wadsworth, Cengage Learning.
- Todorov, J. C. (1989). A psicologia como o estudo de interações. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 5, 325-347. ISSN 1806-3446.
- Todorov, J. C. (2002). A evolução do conceito de operante. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(2), 123-127. ISSN 1806-3446.
- Todorov, J., & Henriques, M. (2013). O que não é e o que pode vir a ser comportamento. *Revista Brasileira de Análise do Comportamento*, 9(1), 74-78. ISSN 1807-8338.
- Tourinho, E. Z. (1999). Eventos privados: O que, como e por que estudar. In R. R. Kerbauy, & R. C. Wielenska (Orgs.), *Sobre Comportamento e Cognição: Psicologia Comportamental e Cognitiva: Vol. 4. Da reflexão teórica à diversidade da aplicação* (pp. 13-23). Santo André: ESETec.
- Tsai, M., Kohlenberg, R. J., Kanter, J. W., Kohlenberg, B., Follette, W. C., & Callaghan, G. M. (2011). *Um guia para a Psicoterapia Analítica Funcional (FAP II): Consciência, coragem, amor e Behaviorismo* (F. C. de S. Conte, & M. Z. da S. Brandão, Trans.). Santo André: ESETec. (Original work published 2008).
- Vandenberghe, L., & Pereira, M. B. (2005). O papel da intimidade na relação terapêutica: uma revisão teórica à luz da Análise Clínica do Comportamento. *Psicologia: Teoria e Prática*, 7, 127-136. ISSN 1516-3687.
- Vandenberghe, L. (2015). Terapia comportamental integrativa de casais. In P. Lucena-Santos, J. Pinto-Gouveia, M. S. Oliveira (Eds.), *Terapias comportamentais de terceira geração: Guia para profissionais* (pp. 440-473). Novo Hamburgo: Sinopsys.
- Verneque, L., Moreira, M. B., & Hanna, E. S. (2015). Motivação. In M. M. C. Hübner, & M. B. Moreira (Orgs.), *Temas clássicos da Psicologia sob a ótica da Análise do Comportamento* (pp. 74-87). Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Zilio, D., & Carrara, K. (2008). Mentalismo e explicação do comportamento: aspectos da crítica behaviorista radical à ciência cognitiva. *Acta Comportamental: Revista Latina de Análisis de Comportamiento*, 16(3), 399-417, ISSN 0188-8145.
- Wetterneck, C. T., & Hart, J. M. (2012). Intimacy is a transdiagnostic problem for cognitive behavior therapy: Functional Analytical Psychotherapy is a solution. *International Journal of Behavioral Consultation and Therapy*, 7, 167-176. ISSN: 1555-7855.

Recebido em 28/09/2020  
 Primeira decisão Editorial 02/12/2020  
 Aceite em 08/01/2021